

*Eixo Temático 01 - A Arte e suas Manifestações: Navegando entre as
Diferenças, Corpo(S), Gênero(S) e Sexualidade(S)*

**CORPO, GÊNERO E REPRESENTAÇÕES SIMBÓLICAS: A PRÁTICA DO POLE
DANCE E SEUS IMPACTOS**

Marcília Andrade da Silva ¹

Fabiano de Souza Gontijo ²

RESUMO

O presente trabalho traz reflexões sobre uma prática que vem ganhando visibilidade no Brasil nos últimos anos: o pole dance. A prática consiste em um combinado de dança e acrobacia realizado, em uma barra vertical de inox, com fins artísticos, lúdicos ou esportivos. A pesquisa foi realizada com pole dancers, em sua maioria mulheres, através de contato com studios de Belém (PA), viabilizado pelas redes sociais da internet (Facebook e Instagram). Dessa forma, partindo da experiência pessoal da pesquisadora foi possível construir interpretações e problematizações acerca do processo de construção das aulas, captação dos alunos, da corporalidade, das identidades de gênero relacionadas com a prática, dos significados e narrativas presentes. Essas interações aparecem em consonância com as perspectivas teóricas da Antropologia. Foi utilizado um caderno de vivências baseado na percepção etnográfica, de abordagem qualitativa, exploratória com base na observação-participante. As narrativas encontradas demonstram possibilidades diversas de relacionar-se com essa arte peculiar e estigmatizada socialmente, cercada de potências sensíveis e de descoberta de si, que viabiliza um espaço seguro de expressividade das emoções, dos desejos e de formas que rompem com a ideia de uniformização, automatismo e pensamentos hegemônicos. O campo da pesquisa mesclou com pesquisas anteriores feitas em espaços como motéis e casas noturnas, mídias sociais, diferenciações de fazer pole em ambientes

¹ Mestranda em Antropologia pela Universidade Federal do Pará - PA, marcilia_andrade@yahoo.com;

² Professor orientador: Doutor em Antropologia Social, Professor Titular do Programa de Pós- Graduação em Antropologia (PPGA) da Universidade Federal do Pará- PA, fgontijo2@hotmail.com .

distintos na cidade, bem como todo o preconceito e estereótipos que cercam a pole dancer/performer. Além de alinhar vozes, propor uma desaprendizagem dos posicionamentos que marginalizam o universo do pole dance e romper com a lógica dessa atividade como uma prática vulgar, apresentar a relevância e reconhecimento fundamentais através das narrativas feitas pelas interlocutoras. Refletir sobre os sentidos e maneiras presentes no grupo social pautado na interação e confiança. Fomenta-se novas discussões que gerem novas contribuições para o acervo bibliográfico sobre essa atividade física e artística no contexto acadêmico brasileiro. Para além da produção de uma dissertação, a pesquisa em andamento, permite que se faça uma revisão nas possibilidades e expectativas que são criadas a partir de normas sociais construídas apoiando-se em ideias binárias alicerçadas na heteronorma e no patriarcado. Palavras-chave: pole dance; corpo; dança; gênero.

INTRODUÇÃO

Para Alves e Nóbrega (2020), o pole dance é uma atividade que vem se tornando cada vez mais presente na pós-modernidade, sendo exercida por diversas pessoas, desde crianças a praticantes mais velhos, incluindo homens e mulheres. No desejo de fazer uma atividade física que seja mais dinâmica e estimulante, muitos o procuram por reconhecerem nele uma maneira de trabalhar o seu corpo e a sua autoestima de modo desafiador, e ao mesmo tempo encorajador, pela prática mista de ginástica com dança, uma modalidade que se diferencia das opções mais tradicionais de exercício físico.

Em sua tradução livre o próprio termo pole dance envolve o dançar, isto é, ele é um tipo de dança (dance) que faz uso de uma barra vertical (pole), normalmente de inox ou de ferro, em sua composição coreográfica. A barra é utilizada para a realização de inúmeros movimentos de danças, como os do ballet, da dança contemporânea, das danças urbanas com movimentos livremente criados ou coreografados. Os movimentos podem ser feitos em modos estático e giratório na própria barra, bem como fora dela (ESPAÇO ALFA, 2014).

Para Gonçalves (2017, p.14), “existem várias hipóteses sobre como o pole dance teria surgido no mundo. A primeira delas é que a prática derivaria do Mastro Chinês, modalidade em que acrobatas circenses realizavam movimentos em barras de borracha”. Hodiernamente, têm-se 3 divisões o *Pole Art*, *Pole Fitness* e *Pole exotic*, baseados na construção e exploração do lado artístico, acrobático e sensual respectivamente. O interesse em desenvolver esta pesquisa, surgiu de estudos pessoais da pesquisadora em períodos precedentes e de dúvidas e

questionamentos sobre os impactos do Pole Dance no corpo de seus praticantes e as possíveis convergências para temas como gênero, representações simbólicas e a elaboração de narrativas e identidades subjetivas.

O presente trabalho pretende analisar quais os significados que os praticantes de Pole Dance atribuem a esta prática e como suas vivências relacionam-se com questões como corpo, gênero e representações simbólicas. Aponta-se que há poucas publicações científicas nessa área pesquisada, e, as que existem, se restringem às temáticas como esportivização ou ligadas à sexualização e misoginia. Desta forma, houve diversas observações e inquietações voltadas a pensar a prática como expressão e arte em um contexto de diversidades de saberes, corpos e símbolos imbuídos dos aspectos culturais, sociais e históricos. Nesse sentido, o pole dance como um universo de possibilidades pode abrir espaços e aproximando-se do campo da Antropologia possibilita novos horizontes de pesquisa na área da dança e as concepções de corpo.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A abordagem da pesquisa é de natureza qualitativa, exploratória com base na observação-participante e de orientação etnográfica, que significa a descrição de um povo, a etnografia lida com grupos organizados e duradouros, denominados comunidades ou sociedades. O modo de vida peculiar que caracteriza um coletivo, sua cultura, comportamentos, crenças e costumes. (ANGROSINO, 2009).

Segundo Miranda e Toste (2021), na pesquisa qualitativa o pesquisador reduz a distância entre a teoria e os dados, entre o contexto e a ação. Partindo dessa ideia, a pesquisa qualitativa permite a busca de significado, sendo um fator de grande importância, pois tem um papel organizador nos seres humanos. A partir dos significados atribuídos o indivíduo passa a partilhar culturalmente, influenciando no grupo social.

Dessa forma, iniciando por uma experiência pessoal da pesquisadora, os locais da pesquisa serão espaços onde se encontram aulas regulares de Pole Dance, em Belém totalizando-se em 4 espaços até o momento atual, dentre eles: Samaah Studio, Arte Vertical Leyde, Maira Damasceno Studio Pole Dance e Paty Glace Studio. Em relação aos critérios de inclusão definiu-se: ter no mínimo 3 meses de prática, maiores de 18 anos e ser assíduo nas aulas, optou-se por não restrição quanto ao sexo, sendo interessante, inclusive ter participantes de ambos os sexos para desmistificar a ideia de que o Pole Dance é uma prática, exclusivamente, feminina.

Foi utilizado caderno de vivências e observações em campo, os participantes foram divididos em grupos, realizou-se uso de perguntas norteadoras voltadas aos seguintes temas: quais elementos compõem o Pole Dance, quais significados os objetos e movimentos têm para os participantes, qual a visão dos participantes sobre conceito e história do Pole Dance, impactos e transformações do corpo, relacionar com o preconceito, estigmatização bem como o uso do espaço e indumentária. Considerando estas etapas, será realizado o recrutamento dos voluntários via redes sociais, contatos e visita aos espaços definidos, após isso será apresentada a pesquisa seu tema, objetivos e caso voluntariamente tenham interesse assinarão o TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e o Termo de Autorização do uso de imagem formulado pela pesquisadora. Em um segundo momento, os resultados coletados serão analisados com base na análise do discurso e referencial pertinente.

REFERENCIAL TEÓRICO

Partindo dessa perspectiva, as discussões sobre as formações de corpos e corporalidades nas culturas contemporâneas e suas manifestações entram em cena para desmistificar tendências dualistas naturalizantes, classificatórias e a ideia de objetificação do corpo feminino. Percebe-se, as marcas do colonialismo na modernidade que são discutidas por Quijano (1992), onde ocorre uma transcendência do colonialismo histórico, para além da teoria, as práticas, estruturas e mecanismos de coerção³, são rastros dessa experiência remota, que permanece no mundo capitalista colonial moderno.

Num contexto marcado por diversas situações de opressão, silenciamentos e modos de existir, os indivíduos historicamente marginalizados que reconhecem seus direitos, produzem diálogos abertos e se expressam não tem suas vozes legitimadas e reconhecidas. Berenice Bento em seu livro *Reinvenção do corpo* destaca que “a sociedade tenta materializar nos corpos as verdades para o gênero por meio das reiterações nas instituições sociais (família, igreja, escola, as ciências) a necessidade permanente de moldar feminilidades e masculinidades” (Bento, 2006, p.47).

De acordo com o pensamento de Marcel Mauss em as *Técnicas do corpo* os “usos dos corpos” nas sociedades passa por uma construção própria regida por normas coletivas, o corpo humano como sendo, ao mesmo tempo, “matéria-prima” e “ferramenta” da cultura. Traz à tona uma visão ampliada sobre as forças que atuam e constroem os corpos, além de

³ Ato ou efeito de reprimir; repressão.

como os gestos e técnicas corporais são apreendidas de formas diferentes- biológico, social e psicológico (Maluf, 2002).

RESULTADOS E DISCUSSÃO



Fonte: Arquivo Pessoal

Historicamente, o pole dance enquanto fenômeno cultural perpassa pelo campo da descoberta, do uso da barra como principal ferramenta e auxílio nas aulas, vestimentas utilizadas para melhor adesão aos movimentos e o estigma presente em torno da(o)s participantes, bem como o uso do pole em locais (motéis e casas noturnas) que reforçam a erotização da prática. A localização, em sua maioria, dos studios encontram-se em regiões periféricas.

Um ponto a ser destacado relaciona-se ao desenvolvimento do pole dance como uma atividade principalmente feminina, muito provavelmente devido aos contextos iniciais em que foi praticado, por volta nos anos 80, onde as mulheres eram as que realizavam suas performances, a exemplo dos *stripclubs* e cabarés (HOLLAND, 2010). Nas palavras de Holland (2010, p. 105) “da cultura do *strip-tease* surgiram as aulas de pole dance que se desenvolveram em diferentes tipos de vertentes, dirigidas por e para diferentes tipos de mulheres. Por mulheres e para mulheres”.

A prática possui diversos significados para quem o pratica e diferentes motivações desde da promoção do bem-estar, estímulo das potencialidades pessoais até a formação de um grupo relacional de confiança, todavia, devido seu processo histórico, há uma rede de comentários com conteúdos maldosos, preconceituosos e que incitam o ódio revelando barreiras no acesso e na disseminação do pole dance enquanto atividade física.

Norteadas pelas considerações do antropólogo Erving Goffman (1988), observamos, nos macrodiscursos hegemônicos e estigmatizantes, o julgamento do pole dance como uma prática de vulgarização do corpo feminino, destinada a satisfazer ao público masculino, de exploração da sexualidade de forma indevida, dentre outras. Ao realizar uma atividade marginalizada, a praticante é, conseqüentemente, também marginalizada, visto que não se pode dissociar a pessoa de suas práticas sociais, da vida que vive.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No dever dos padrões heteronormativos, sexuais e de gênero a luta para impulsionar zonas de contatos mais profundos e críticos sobre a estrutura das sociedades pós-modernas e seus engendramentos deve ser contínua. Tornar sujeitos ativos, atores de sua própria história, a tomada de consciência sobre suas potências e a garantia de palavra a todos, é dar liberdade de expressão voltados para a responsabilidade e sustentabilidade social e política. Logo, nos encontros e desencontros do tempo e da escrita, o texto sem a pretensão de terminar, mas de continuar indagando. O quanto silenciamos? O quanto banalizamos? O que ficou à margem? Tentar responder pode ser o primeiro passo para se visualizar um fazer mais justo e coerente, desvinculado da dominação e exploração, e ligado aos diversos cotidianos existentes.

REFERÊNCIAS

ALVES, L.A.; NÓBREGA, A.N.A. “MAS ISSO É PORQUE AS PESSOAS NÃO SABEM O QUE É O POLE DANCE”: Contribuições da avaliação para a análise discursiva de estigmas. Campinas: **Trab. Ling. Aplic.**, 2020.

ANGROSINO, M. **Etnografia e Observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
BENTO, Berenice. **Reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006, 256 p.

ESPAÇO ALFA. **História do Pole Dance**. 2014. Disponível em: <http://www.espacoalfa.com.br/BKP/index.php/poledance/historia-do-poledance>. Acesso em: 12 de jul. 2022.

GOFFMAN, E. **Estigma**: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

GONÇALVES, Annelise Campos. “**VIVA O MATRIARCADO POLE DANCE**” - UMA **ETNOGRAFIA DAS RELAÇÕES ENTRE CORPO, GÊNERO E CIDADE NA PRÁTICA DO POLE DANCE**. 2017. Monografia (Especialização em Antropologia) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017. Disponível em: [Viva o matriarcado Pole Dance.pdf \(uff.br\)](#). Acesso em: 21 jul. 2022.

HOLLAND, S. **Pole Dancing, Empowerment and Embodiment**. New York: Palgrave Macmillan, 2010.



MALUF, Sônia Weidner. Corpo e corporalidade nas culturas contemporâneas: abordagens antropológicas. Dossiê, corpo e história: esboços. Chapecó: Revista do programa de pós-graduação em história da UFSC/2001, 2002.

MIRANDA, G.P.; TOSTE, A.G.M. As três metodologias: acadêmica, da ciência e da pesquisa. **Revista Ponto de Vista**, [S. l.], v. 9, n. 2, p. 172-176, 2020. DOI: 10.47328/rpv.v9i02.10811. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/RPV/article/view/10811>. Acesso em: 24 jul. 2022.

QUIJANO, Aníbal. A Colonialidade do saber: eurocentrismos e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: **CLACSO**, 2005.